

STUDENTS OF THE WORLD: INGLÊS E TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

STUDENTS OF THE WORLD: INGLÉS E TECNOLOGÍA EN CLASE

STUDENTS OF THE WORLD: ENGLISH AND TECHNOLOGY IN THE CLASSROOM

Recebido em: 23/11/2020

Aceito em: 31/12/2020

Bruna de Oliveira Maia¹

Resumo: O presente artigo descreve o uso das tecnologias e o desenvolvimento da autonomia no aprendizado de uma língua adicional através de pesquisa bibliográfica. Além disso, apresenta a análise do desenvolvimento do projeto *Students of the world* realizado com três turmas de alunos do 6º ano regular e com uma turma de alunos da Educação de Jovens e adultos (EJA) da mesma seriação de uma escola municipal de Porto Alegre. O projeto apresentado busca demonstrar como o uso de tecnologias na aula de inglês é uma ferramenta para o desenvolvimento da autonomia do aluno no aprendizado da língua inglesa. As conclusões do trabalho demonstram de que forma o uso da tecnologia na aula de língua adicional coloca os alunos na posição de sujeitos autônomos que, quando necessário, buscam soluções junto com o professor para desenvolver seu aprendizado. Da mesma forma, mostra o papel do professor quando as tecnologias e o desenvolvimento da autonomia estão presentes em sala de aula.

Palavras-chave: Tecnologias na aula de língua. Desenvolvimento da autonomia. Aula de inglês.

Resumen: Este artículo describe el uso de las tecnologías y el desarrollo de la autonomía en el aprendizaje de un idioma a través de investigación bibliográfica. Además, presenta el análisis del desarrollo del proyecto *Students of the world* realizado con tres clases de alumnos del sexto año regular y con una clase de alumnos de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) de misma seriación de una escuela municipal de Porto Alegre. El proyecto presentado busca demostrar cómo el uso de tecnologías en la clase de inglés es una herramienta para el desarrollo de la autonomía del alumno en el aprendizaje de la lengua inglesa. Las conclusiones del trabajo demuestran de qué manera el uso de la tecnología en la clase de lengua coloca los alumnos en la posición de sujetos autónomos que, cuando necesario, buscan soluciones junto con el profesor para desarrollar su aprendizaje. De la misma manera muestra el papel del profesor cuando las tecnologías y el desarrollo de la autonomía están presentes en el aula.

Palabras-chaves: Tecnología en clase de idiomas . Desarrollo de la autonomía. Clase de inglés.

Abstract: This current paper draws, through bibliographic research, the importance of technology use and the autonomy development in the learning of an additional language. Besides, it presents an analyses of the development of the project *Students of the World*, accomplished with three 6º grade groups (denominated B30 in this school) and a group of young

¹Especialista em Mídias na Educação Ciclo Avançado (CINTED/UFRGS 2018), e licenciada em Letras Inglês/Português pela UFRGS (2012). Atua há cinco anos como professora de inglês na EMEF Nossa Senhora do Carmo, escola da rede municipal de Porto Alegre . E-mail: brubrumai@hotmail.com

adults and adults (denominated EJA in Brazil) of the same grade in a public school in Porto Alegre. This project demonstrates that the use of technology in the English class is a tool for the students' autonomy development when learning English. This paper conclusions demonstrates how the use of technology in the language class puts students in the position of individuals with autonomy since, when technology is present, students look for solutions to reach learning objectives. The conclusion of this paper also demonstrates the teacher role in the students autonomy development.

Keyword: Technology in the language class. Autonomy development. English class.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa pesquisas na área de ensino de língua mediada pelo uso da tecnologia, além de conceitos de autonomia, relacionando-os com o desenvolvimento do projeto *Students of the World*, que ocorreu no ano de 2018 na Escola Municipal de Porto Alegre (RS) Nossa Senhora do Carmo, com turmas do 6º ano e uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A razão deste trabalho ter sido pensado foi o convite recebido para participar de um projeto de troca de correspondências em inglês entre alunos, principalmente do 6º ano, da rede municipal (participaram três escolas e suas respectivas professoras de língua inglesa), no qual a troca de cartas seria sua culminância. Desta forma, quando assumi as turmas de 6º anos no ano de 2018, refleti sobre como continuar este projeto de escrita em inglês, mediado pelo uso da tecnologia, visto que um maior uso desta em aula era uma demanda dos alunos e considerando o fato de a escola ter recebido verba para instalação de Wi-fi no mesmo ano. Durante uma pesquisa na internet, encontrei o *site* www.studentsoftheworld.info, no qual alunos do mundo inteiro podem se cadastrar, preencher um perfil e escolher amigos para trocar mensagens em inglês. Encontrei, por conseguinte, o *site* da Organização Não Governamental *Blue Monarch*, a qual recebe cartas para seus moradores como forma de incentivar a troca de experiências de vida. Após encontrar estes dois possíveis destinatários para a produção escrita dos alunos, planejei um projeto de ensino envolvendo a utilização do *site* e a correspondência com a ONG e o desenvolvi em sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o uso de tecnologias na escola a partir do trabalho de Kenski (2013) e Sonego (2015) ; o uso da tecnologia no ensino da língua inglesa a partir dos trabalhos de Coutinho (2012), Sabatine (2013) e Winter (2014); discutir a importância da autonomia para a construção do conhecimento do aluno a partir de Barros (2011), Freire (2018) e Domiciano e Santos (2003); e, analisar o desenvolvimento do projeto *Students of the*

World em sala de aula, relacionando-o com o referencial teórico mencionado, com destaque para o uso das tecnologias e o desenvolvimento da autonomia dos alunos; por fim, objetiva analisar as aulas a partir das observações feitas enquanto professora da turma ao longo das mesmas e a partir da avaliação dos alunos do projeto.

Estetrabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e da análise das aulas ministradas durante o projeto *Students of the world*. Como fonte bibliográfica para a discussão sobre a o uso da tecnologia em sala de aula, foi utilizado o livro de Vani Moreira Kenski “Tecnologias e ensino presencial e a distância” (2013) e um artigo de Sonogo (2015). Para descrever aspectos do uso da tecnologia na aula de língua inglesa, foram utilizadas os trabalhos de conclusão de curso “A importância das mídias na educação e no ensino de língua estrangeira (Inglês)” (COUTINHO, 2012), “Leitura crítica da mídia no ensino fundamental” (SABATINE, 2013) e “O uso de tecnologias no ensino de língua estrangeira através da pedagogia de projetos: uma reflexão” (WINTER, 2014). Como referência para a discussão sobre o desenvolvimento da autonomia na aula de inglês foram analisados a dissertação de mestrado “O ambiente virtual como um espaço para a autonomia da aprendizagem de línguas” (BARROS, 2011), o livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2018) e o artigo “Autonomia em aprendizagem de línguas estrangeiras (inglês) ” (DOMICIANO e SANTOS, 2003). A análise das aulas foi feita a partir das minhas observações enquanto professora e do comportamento dos alunos frente às atividades desenvolvidas e do modo como buscaram sanar as dificuldades encontradas. Da mesma forma, foram analisadas as respostas dadas a duas questões colocadas na última aula do projeto, como forma de avaliação do mesmo pelos alunos.

O USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

O uso da tecnologia em sala de aula já é uma realidade em muitos contextos de aprendizagem. No entanto, muito tem sido estudado e pesquisado sobre as formas como o uso da tecnologia em atividades pedagógicas vem se apresentando e se este uso realmente implica em novas formas de ensino e aprendizagem ou se apresenta-se como mais uma ferramenta que o professor deve usar, sendo simplesmente inserida no seu planejamento sem, contudo, ser pensada em objetivos de aprendizagem efetivos e metodologias que condigam com a utilização da tecnologia em sala de aula.

Kenski (2013) argumenta que é um desafio para a escola a utilização das tecnologias atuais de forma crítica, visto que muitas delas se utilizam de nossos sentimentos e nossa

identificação com elas para garantir nosso envolvimento e consequente utilização das mesmas sem nenhum questionamento do que estamos vendo e de como interagimos com elas. Assim:

Esse é um dos grandes desafios para a ação da escola na atualidade. Viabilizar-se como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação dessas tecnologias de comunicação e informação. Reconhecer sua importância e sua interferência no modo de ser e de agir das pessoas e na própria maneira de se comportarem diante de seu grupo social, como cidadãos (p. 21).

A autora discorre sobre os modos de aprender que se transformam à medida que novas tecnologias vão surgindo, visto que “Como as tecnologias estão permanentemente em mudança, o estado permanente de aprendizagem é consequência natural do momento social e tecnológico que vivemos” (p. 22). Ela afirma que no momento de evolução tecnológica em que estamos não há mais espaços preconizados especialmente para a aprendizagem, como a escola, a biblioteca, afinal, com o acesso às tecnologias, a informação e, conseqüentemente, o conhecimento, pode estar disponível em qualquer lugar e a qualquer momento. O tempo de ensino e aprendizagem, da mesma forma, não necessariamente mais é o tempo de aula e o espaço da escola. No entanto, a autora coloca, a organização da escola em períodos e dividida em disciplinas impede que haja uma revolução do ensino com o uso das tecnologias para a aprendizagem.

Ainda segundo a autora, a escola, assim como o professor, tem sua tarefa redefinida, passando a ser um ponto de troca e recepção com outras instituições culturais, promovendo uma educação ampla e, ao me ver, mais integrada com a sociedade da qual os alunos fazem parte: “Garantir a necessária adesão social a um projeto de convivência integrada com os outros espaços sociais e as mais recentes tecnologias – essa é a necessidade educacional da nova era” (p. 40). Corroborando as ideias de Kenski, Sonego (2015) argumenta que a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) em sala de aula não é suficiente, afinal, é necessário que sejam desenvolvidas oportunidades que promovam situações desafiadoras para professores e estudantes (p. 251). Oportunidades, estas, produzidas a partir do planejamento do professor com atividades que promovam o uso da tecnologia e o alcance de objetivos de aprendizagem.

Na delimitação do projeto *Students of the World*, a busca por um *site* no qual os alunos encontrassem outros alunos estudantes de inglês, ou de países que falam inglês, teve por objetivo encontrar leitores que pudessem responder aos textos (no caso, mensagens de *e-mails*) escritos pelos alunos, ou seja, que os alunos tivessem um público alvo para a produção final do projeto (mensagem para um amigo que eles fizessem no *site*) e uma situação real de aprendizagem por meio de uma interlocução real. Da mesma forma, a ida ao laboratório de

informática tinha o objetivo de acessar o *site* anteriormente estudado, cadastrar-se nele e, em uma aula seguinte, encontrar um amigo para enviar mensagem. A sequência destas aulas fez parte do planejamento assim como as atividades e seus objetivos de aprendizagem. Algumas destas atividades puderam ser realizadas em outros tempos e espaços que não o da sala de aula. O aluno que faltou podia se cadastrar no *site* com a ajuda de um colega que já realizara o cadastro em aula. A procura por um amigo para enviar mensagem pôde iniciar antes da aula na qual essa atividade foi proposta. O acesso ao *site* e a verificação de se haviam recebido alguma resposta para suas mensagens da mesma forma pôde acontecer em outros espaços que não a sala de informática e a escola.

O uso de tecnologias na aula de língua adicional sempre foi importante, haja vista a necessidade de os alunos terem contato com material de escuta e leitura autênticos para um melhor desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita, assim como de produção oral e escrita em outra língua. Projetos desenvolvidos nos mais diferentes contextos de ensino de língua adicional podem ser encontrados; o trabalho de Coutinho (2013), onde a autora conclui que o uso de tecnologias torna as aulas de língua inglesa agradáveis, estimulantes e atrativas para os alunos, motivando-os a aprender, devido à presença das mídias no cotidiano de todos. Da mesma forma que Kenski (2013), Coutinho (2012) acredita que “O uso das mídias e das TIC na educação traz à tona o sentido da produção compartilhada de conhecimento entre professor e aluno” (p. 13). Com o acesso à internet, um mundo de informações está disponível aos alunos, desta forma o professor não é mais o único detentor do conhecimento. O papel do professor não é o de transmitir um conteúdo, mas o de ajudar seus alunos a selecionarem criticamente os saberes importantes para sua vida e continuidade dos estudos, além de estimulá-los e guiá-los à tomada de consciência sobre as diferentes funções, interesses, e ideias pré-concebidas presentes nos diversos gêneros textuais aos quais eles têm acesso navegando na internet. Coutinho (2012) aponta alguns percalços encontrados no uso de tecnologias na sala de aula, como o fato de ser importante orientar alunos sobre informações falsas na internet, o fato de os alunos não mais conseguirem se concentrar em uma só tarefa, acessando as mídias sociais e realizando trabalhos ao mesmo tempo, e o fato de as relações que os estudantes estabelecem via internet serem diferentes das que se estabelecem no mundo real, no sentido de que tudo é rápido e raso, tornando muito fácil deletar da sua *timeline*. Coutinho (2012), da mesma forma que Kenski (2013), aponta alguns desafios da escola frente ao uso das mídias: ter um currículo que não seja mais formado por conteúdos, mas por conhecimentos que estejam contextualizados, no qual as mídias possam ajudar a ter um ensino que atinja os diferentes

estilos de aprendizagem dos alunos. Um currículo que preveja a resolução de problemas e a busca por soluções. Coutinho aponta alguns caminhos, como a utilização do rádio com músicas como meio de estimular o contato dos estudantes com o uso da língua adicional de forma contextualizada e de uma forma que apareça no seu dia a dia.

Sabatine (2013) questiona o papel do professor frente às mídias. Assim como Coutinho (2012), acredita na utilização de forma crítica das mídias no ensino fundamental e prevê estratégias pedagógicas que contemplem a leitura crítica das mesmas. Ela aponta que as mídias podem libertar ou aprisionar, dependendo de como vemos suas estratégias de manipulação e assédio. Sabatine atenta para o fato de que a resistência da escola em utilizar as mídias deixa os alunos, que cresceram imersos em um mundo de tecnologias, perdidos e desconectados dos conhecimentos que já possuem. Muitas vezes, estes alunos não percebem a necessidade dos conhecimentos adquiridos na escola por essa falta de conexão entre o ensino escolar e a vida real. Sabatine (apud SILVERSTONE, 2002) afirma que se deve pensar na mídia como um agente mediador do saber para os “[...] seres humanos e suas comunicações, com linguagem e fala, com o dizer e o dito, com reconhecimento e mal-reconhecimento, e com a mídia vista como intervenções técnicas e políticas nos processos de compreensão” (p. 19).

A autora Santos (2013) define assim a nova geração de alunos:

(...) aprende muito cedo que há muitas fontes de informação e que essa fonte pode defender verdades diferentes. Filtra informação e aprende a fazer seus conceitos em redes de amigos/parceiros com quem se comunica com frequência. A escola não parece ter muita influência em suas atitudes e valores

A autora também cita os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul para embasar como deve ser o ensino de língua estrangeira na escola, lembrando que não se espera que o aluno saia fluente da escola, mas que tenha uma visão geral da cultura por trás da língua estudada e desenvolva habilidades de interpretação, leitura e criticidade frente aos textos de língua adicional com os quais tem contato. Ainda de acordo com os Referenciais, defende que o aprendizado de línguas se dá pela interação entre professor e aluno na busca pela construção de um conhecimento conjunto. A autora afirma a necessidade de coibir o uso das novas tecnologias junto ao ensino tradicional. O professor precisa ter uma nova postura perante as tecnologias para que o seu auxílio leve a educação de alunos autônomos, criadores de conhecimento, modos de participação e cooperação diversos devem ser explorados, sempre com reflexão. A pesquisa da autora exemplifica a utilização da tecnologia na aula de língua, pois focalizou um projeto de leitura do livro “O pequeno príncipe” em francês desenvolvido

através da proposta de tarefas usando o programa *Pamphlet template mural* – as quais podiam ser acessadas a qualquer momento, constituindo-se em um projeto colaborativo.

Retomo Kenski, neste momento, para colocar que para que o planejamento do professor seja efetivo ao utilizar tecnologia e mídias no ensino, é necessário que o professor tenha pleno conhecimento e acesso a tecnologias e é necessário que a escola também esteja equipada com ferramentas tecnológicas que contemplem todos os alunos e funcionem de forma adequada, além de conexão com internet de banda larga. A realização do projeto *Students of the World* foi possível por causa de alguns fatores: a escola se organiza por blocos de aula, desta forma os alunos têm no máximo duas disciplinas por dia, uma antes do intervalo e outra após, portanto a aula de língua inglesa possui 1h50 de duração, ampliando o tempo docente com os alunos; a escola está equipada com laboratório de informática que permite que uma turma de 30 alunos trabalhe em dupla em cada computador; a escola possui rede Wi-fi; possui sala equipada com *datashow* e mais outro *datashow* que pode ser instalado na sala de aula que o professor estiver dando aula. Desta forma, este recurso só precisa ser reservado com antecedência para ser utilizado.

A AUTONOMIA NA AULA DE INGLÊS MEDIADA PELA TECNOLOGIA

As discussões sobre autonomia na aula de língua estrangeira ou adicional – pois adicionam conhecimento ao aluno, segundo Schlatter (2012), iniciaram nos anos 1970, e ainda hoje são importantes, haja vista que esta é uma característica exigida, não somente no momento de estudar uma língua, mas também no mundo do trabalho e na própria vida pessoal dos nossos alunos. Barros (2011) analisa os estudos realizados sobre a autonomia do aluno na aula de língua adicional e os utiliza para embasar sua pesquisa sobre a utilização de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) em um curso presencial de línguas para alunos do ensino médio. Citando Holec (*apud* BENSON, 2001), a autora argumenta que:

O surgimento da autonomia na aprendizagem de línguas corresponde a uma troca ideológica do consumismo e materialismo para uma ênfase no significado e valor de experiência pessoal, qualidade de vida, liberdade pessoal e de direitos das minorias. (p. 16)

Ela ainda cita que “O valor atual no estudo sobre autonomia pode ser útil para a organização das possibilidades contidas nas pedagogias comunicativas e centradas no aluno”(BARROS *apud* BENSON, 2001, p. 16). Dessa forma, falar em autonomia é falar do aluno que utiliza a sua própria experiência pessoal para construir conhecimento junto com o que é aprendido na aula de língua adicional. Além do mais, citando autores como Moura Filho

(2005) e Lévy (1999), a autora argumenta que quando a autonomia do aluno é importante na aula de língua adicional, o aluno pode estabelecer seus objetivos e acontece o deslocamento da centralidade de aprendizado, sendo que este não ocorre somente através do professor, mas também através de outras pessoas da própria comunidade da qual faz parte, pessoalmente ou através do uso de tecnologias para a comunicação, ou mediante a interação com colegas de aula. Domiciano e Santos (2003), argumentam sobre a complexidade do tema autonomia, além de destacar que sua discussão envolve aspectos políticos, econômicos e sociais. Desta forma, as autoras não abordam o tema de forma direta, mas focam nos “[...] deslocamentos dos conceitos de autonomia e a aprendizagem de Línguas Estrangeiras [...] e as práticas pedagógicas para a sua implementação” (DOMICIANO e SANTOS, p. 03). Barros (apud LÉVY, 2011), afirma que o foco do ensino, quando pensamos na autonomia do aluno, passa do objeto apreendido para o processo de aprendizagem, pois, segundo a autora, esta não teria um fim, visto que precisamos estar sempre avaliando e repensando atitudes e projetos que possam ser realizados. A autora pondera que o importante é o aluno possuir autonomia para lidar com questões que dizem respeito às suas necessidades, não somente a autonomia exigida pelo mercado, para que se tornem profissionais bem preparados para assumir determinadas funções. Mais do que isso, o ensino de línguas, para a autora, e a educação como um todo, está inserido em um momento que exige criticidade dos aprendentes para resolver problemas criados pelo ser humano e que, de certa forma, ameaçam a vida, como a mudanças ambientais e problemas globais.

A autora propõe que o AVA teria potencial para desenvolver a autonomia do aluno. Ela se baseia em autores que discutem o fato de a internet ter causado uma reorganização da vida das pessoas, posto que ela muda a forma como pensamos o mundo e como interagimos nele. Além do mais, segundo Barros (2011), o uso do AVA muda os papéis do professor e do aluno; apesar de o professor direcionar a aula, o aluno, que possui um conhecimento de internet e sabe usar o computador, pode descobrir ferramentas e apontar caminhos que o professor não havia percebido ainda e, por fim, professor e aluno acabam por construir conhecimentos juntos.

Barros (apud SPRENGER, 2004) discorre sobre a modificação do papel do professor quando utiliza AVA como o Moodle, por exemplo, pois precisa abrir mão do controle do processo de aprendizagem do aluno em prol de dar-lhe cada vez mais autonomia para que ele busque seu próprio conhecimento dentro da proposta curricular do professor. Mesmo o professor controlando o ambiente de aprendizagem, ele não controla as ações do aluno dentro do ambiente, porém pode guiá-las de acordo com a sua prática pedagógica. Por isso, a autora pondera que só haverá uma inversão de papéis entre aluno e professor com a utilização das

TICs se houver desafios, e dessa forma é necessário que “Façamos uma reflexão através dos estudos sobre a autonomia na aprendizagem de LE [língua estrangeira] para buscar, na integração de virtual com presencial, um novo espaço que possibilite o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem de línguas.” (BARROS, 2011, p. 27). A autora corrobora os estudos de Little (2003), que acredita que exercer a autonomia é ser capaz de participar de forma crítica das interações sociais, levando em conta as dimensões em que o aprendente deve se engajar: dimensões cognitivas, metacognitivas, afetivas e sociais, além de um enfoque na maneira de como um aprendente interage com o outro (BARROS *apud* LITTLE, 2003). Outro ponto, segundo Barros, - a ser considerado: “É fundamental que o aprendente desenvolva sua capacidade de refletir criticamente sobre o seu processo de aprendizagem, avalie seu progresso e, se necessário for, faça ajustes nas suas estratégias de aprendizagem.” (p. 52). Sobre o pensamento crítico, Paulo Freire corrobora a ideia da busca da autonomia dos alunos, pois afirma:

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento do objeto’ ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (FREIRE, 2018, p. 28).

Domiciano e Santos (2003) definem o pensamento de Little (2003), que concorda com Freire (2018) ao mencionar as condições necessárias para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, entre elas professores “inquietos, rigorosamente curiosos [...]” (FREIRE, 2018, p. 28), pois o indivíduo autônomo, então, é aquele que utiliza o que aprendeu em outros contextos, faz perguntas em aula, tem curiosidade e aprofunda seus conhecimentos. No entanto, as autoras enfatizam que Little não acredita que o professor seja desnecessário no desenvolvimento da autonomia, pois, da mesma forma que Freire aponta o papel do professor como instigador de seus alunos, Little acredita que:

Longe de ser um provedor de informações, o professor é, então, um conselheiro e administrador de recursos. Portanto, a ação do docente no sentido de tomar iniciativas e exercer certo controle sobre o processo não deve ser coibida, pois essa intervenção, conveniente e oportuna, não tende a impedir o aluno de desenvolver a autonomia ou anular a que já tenha sido alcançada.” (DOMICIANO e SANTOS, p.16)

Durante o desenvolvimento do projeto *Students of the world*, foi necessário orientar os alunos sobre as ferramentas das quais eles dispunham para resolver as atividades propostas, incentivando-os, desta forma, a procurar soluções antes de ir diretamente ao professor. Aceitar que os alunos não poderiam estar de forma ordenada, sentados em suas mesas com seus

computadores para resolver as tarefas no *site*, foi uma necessidade, já que para poderem desenvolver sua autonomia na busca por soluções era necessário que ficassem livres para se movimentar, trocar informações com os colegas, atentar para novas formas que surgiram de resolver as tarefas e os problemas decorrentes de suas resoluções sugeridas por outros colegas.

O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

O desenvolvimento do projeto aconteceu em nove aulas. É importante frisar que os alunos possuíam conhecimentos prévios de inglês (vocabulário de atividades que gostam de fazer, profissões, cores, números, cumprimentos e despedidas em inglês), pois, nesta escola, o estudo da língua inicia-se no 4º ano do ensino fundamental. Os alunos haviam, no primeiro trimestre letivo, trabalhado com apresentação pessoal, e o projeto desenvolvido corresponde ao segundo trimestre do ano. As aulas de inglês nessa escola acontecem por blocos, ou seja, cada aula corresponde a 1h50 de tempo de aula. O projeto se desenvolveu da seguinte forma:

Aula 1

Apresentação do projeto para os alunos e início do estudo do gênero carta e do gênero *e-mail* a partir da unidade II do livro. Discussão sobre os contextos de uso dos dois gêneros.

Aula 2

Estudo de estruturas de perguntas pessoais em inglês no presente simples (*Do you like your school? What's your favorite food?*); escrita de carta coletiva para a ONG Blue Monarch. Digitei as cartas escritas nas turmas e os alunos as assinaram antes que fossem enviadas.

Aula 3

Apresentação do *site* Students of the world com a utilização do datashow. Foram sanadas dúvidas quanto ao vocabulário presente no *site*, o caminho que os alunos precisavam percorrer para preencher seu perfil, e como eles deveriam proceder para enviar mensagens para possíveis *pen pals* posteriormente. Para preencher o perfil, os alunos precisavam ter conhecimento anterior de preenchimento de informações pessoais, matérias estudadas na escola, atividades que gostavam de fazer (jogar futebol, ler, falar com amigos, utilizar a internet, entre outras) e nome de línguas faladas em outros países. Os alunos tiveram a oportunidade de jogar em grupo alguns jogos presentes no *site* sobre cultura, animais e comidas típicas de

diversos países. Essa aula foi desenvolvida na sala de atividades múltiplas da escola. Essa sala é equipada com datashow e um computador que possui acesso à internet. Nossa escola tem acesso a internet por *Wi-fi*, o que possibilita que os alunos acessem a internet usando seus próprios celulares.

Aula 4

Revisão dos conteúdos estudados até o momento através de atividades em sala de aula propostas pela professora, como entrevista com os colegas sobre informações pessoais e atividades que gostam de fazer, além da leitura de mensagens de *e-mails* criadas pela professora para a revisão dos conteúdos trabalhados.

Aula 5

Teste de inglês como forma de verificar se os alunos haviam aprendido completamente os conteúdos trabalhados (perguntas pessoais no presente, vocabulário relativo a atividades que eles gostam de fazer, como jogar futebol, ler, falar com os amigos, usar a internet; leitura de pequenas mensagens de apresentação pessoal em inglês)

Aula 6

Revisão baseada nas correções da prova. Escrita das mensagens que seriam enviadas para os *pen pals* do site www.studentsoftheworld.info.

Aula 7

Acesso ao site *Students of the world*, escolha de possíveis *pen pals* e envio de mensagens para os mesmos. Essa atividade foi desenvolvida na sala de informática. Os computadores possuem acesso à internet. Os alunos trabalharam em duplas, pois não há computadores suficientes para todos os alunos e, na maioria das vezes, alguns deles não estão funcionando.

Aula 8

Leitura da carta recebida da ONG Blue Monarch. Exatamente quando estava finalizando o trabalho com o site www.studentsoftheworld.info, recebemos a resposta da carta enviada para a ONG. Cada turma de 6º ano havia escrito em conjunto uma carta. Vários moradores da ONG responderam às cartas. Dessa forma, os alunos foram divididos em duplas para lerem e responderem cada uma das cartas.

Aula 9

Finalização e avaliação do projeto. A avaliação aconteceu em forma de questionário e posterior discussão com os alunos. No questionário foi perguntado se os alunos haviam gostado de participar do projeto, o que melhorariam no projeto se pudessem e o que aprenderam. Foi feito um cartaz da turma organizando as respostas obtidas e colocado no corredor da escola como forma de dividir com os colegas da escola os aprendizados do 6º ano na aula de inglês.

Durante o projeto, vários alunos que não se mostraram envolvidos na aula de inglês no primeiro trimestre, mostraram-se motivados a desenvolver as atividades propostas. Na aula 3, durante a qual aconteceu a apresentação do *site*, alguns deles perguntaram se poderiam ir se cadastrando via celular enquanto eu explicava os passos que deveriam seguir. Concordei, desde que, na aula em que utilizaríamos a sala de informática, eles ajudassem os colegas que não tinham celular a fazer seus cadastros. Da mesma forma, durante as atividades realizadas na sala de informática, principalmente, alunos que antes não se mostravam muito interessados, além de realizar as atividades, se mostraram dispostos a auxiliar os colegas que não estavam conseguindo concluir seus cadastros ou enviar mensagens pelo *site*. Nas primeiras aulas, houve uma preocupação por parte dos alunos sobre por que pessoas de outros países responderiam suas cartas (no caso da ONG Blue Monarch) e suas mensagens (através do *site* www.studentsoftheworld.info). Conversamos, então, sobre quem morava na ONG, como eu havia contatado a pessoa responsável e por que havia essa possibilidade de enviar cartas e receber respostas de seus moradores. Também conversamos sobre as possibilidades de troca de mensagens através do *site* Students of the world, e o objetivo deste *site*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas aulas nas quais o uso da tecnologia está presente, o professor se torna um mediador, de forma que a utilização dessa tecnologia sirva ao aprendizado e à busca por conhecimento. O desenvolvimento da autonomia do aluno passa pelo desenvolvimento da autonomia do professor, que não deve mais ser o detentor do conhecimento e nem o único conhecedor dos passos a serem dados para alcançar objetivos de aprendizagem. O uso das tecnologias ajuda o professor a auxiliar seus alunos a serem autônomos na medida em que permite que os alunos tenham uma maior flexibilidade na forma de resolver tarefas e no tempo que podem utilizar para concluí-las. Analisando o projeto *Students of the world*, percebe-se que, durante todas as atividades, muitos alunos se tornaram mais autônomos nos momentos em que resolviam

atividades que necessitavam do uso do computador ou *datashow*. Houve, da mesma forma, grande colaboração entre os alunos nas atividades que aconteceram na sala de informática. Os alunos descobriram muitos detalhes do funcionamento do *site* que não haviam sido apontados para eles, indo além do que havia sido inicialmente planejado como objetivo de aprendizagem tanto de utilização da tecnologia quanto do aprendizado da língua inglesa. O aprendizado da língua inglesa foi mais autônomo, pois, em vez de respostas prontas, os alunos receberam orientações sobre como encontrar as informações desejadas, visto que eles tinham ao seu dispor as atividades desenvolvidas no seu caderno, o Google Tradutor no computador ou outro dicionário do qual necessitassem e o auxílio dos colegas que já haviam conseguido resolver parte das tarefas de aula (preencher perfil do *site*, escolher um *pen pal* para enviar mensagem, elaborar a mensagem que seria enviada, entre outras). Dessa forma, concluo que o uso das tecnologias em sala de aula pode ajudar alunos a desenvolverem características autônomas mediante a disponibilidade do professor em ser um aprendiz e mediador na sua sala de aula, e, como diz Freire, um pesquisador curioso. Acredito que novas pesquisas são possíveis na área de ensino de línguas mediada por tecnologia, e utilizando o *site* www.studentsoftheworld.info, visto que ele traz a possibilidade de os alunos adicionarem ao *site* o perfil da sua escola e um blogue da mesma, assim como informações sobre seu país de origem, assim promovendo um intercâmbio cultural entre alunos de diferentes partes do mundo. Estudos nesta perspectiva promovem uma educação que dialoga com a vida cotidiana dos alunos e mostram como o aprendizado de uma língua na escola pode se dar de forma efetiva, dialógica e significativa, podendo ampliar esse estudo e aprendizado para além da sala de aula, visto que a tecnologia permite o acesso a essas informações de qualquer lugar e para além dos prédios escolares.

REFERÊNCIAS

SONEGO, Anna Helena Silveira; BEHAR, Patrícia Alejandra. M-learning: Reflexões e Perspectivas com o uso de aplicativos educacionais. **Nuevas ideas en Informática Educativa TISE**, v. 11, p. 521-526. 2015.

COUTINHO, Cátia Denise. **A importância das mídias na educação e no ensino da língua estrangeira (inglês)**. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SABATINE, Edna Aparecida Pitelli. **Leitura Crítica da mídia no ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

BARROS, Júlia Maria Antunes. O Ambiente virtual como um espaço para a autonomia na aprendizagem de línguas. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SCHLATTER, Margarete. **Línguas adicionais na escola: Aprendizagem colaborativa em inglês**. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SANTOS, Yádini do Canto Winter dos. **O uso de tecnologias no ensino de língua estrangeira através da pedagogia de projetos: uma reflexão**. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DOMICIANO, Regina Maria Guarnier; SANTOS, Cláudia Broietti dos. Autonomia em aprendizagem de línguas estrangeiras (Inglês): Uma análise dos deslocamentos do conceito e das práticas pedagógicas. In: FILE II - **II Fórum Internacional de ensino de Línguas Estrangeiras**. Pelotas: UFPEL, UCPEL 2003: p. 50-69

KENSKI, Vania Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Disponível em: <https://www.academia.edu/34850789/Tecnologias_e_ensino_presencial_Vani_Moreira_Kenski>. Acesso em: 20 set. 2020.